



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

30 DE NOVEMBRO
CENTRO DE CONVENÇÕES
BRÁSILIA-DF

DISCURSO AO ENCERRAR A CON-
VENÇÃO NACIONAL DO PDS

Senhores Convencionais,

Meus Correligionários:

Gostaria de retificar a frase final do discurso do nosso Presidente José Sarney. Nós não cumprimos simplesmente nosso objetivo. Cumprimos nosso grande objetivo.

Neste ambiente de festa, civismo e patriotismo, conclui-se a árdua tarefa da comissão provisória. Aprovados o Manifesto, o Programa e os Estatutos, e eleitos os seus dirigentes efetivos, o Partido Democrático Social reúne as condições para ser o primeiro Partido a cumprir todas as exigências legais necessárias ao registro definitivo nesta nova fase da vida política nacional.

A maior parte do trabalho paciente de organizar diretórios municipais e estaduais já ficou para trás. Estão lançadas as bases para que a filiação de novos membros não se esgote nos números atuais.

Pois, mesmo com milhões de filiados, um partido pouco representa. O que lhe dá vida é a consciência e a prática da democracia interna. E isso nós temos.

O cimento de coesão partidária é a discussão livre e franca das idéias. E isso nós temos.

O que faz a força de um partido é sua disposição para lutar. Vencer. Conquistar o poder com a arma do voto.

E isso, meus Senhores, nós temos.

Em novembro de 1982, teremos as eleições diretas que prometi.

E, como prometi, cumprirei.

Nesse dia, vamos conquistar a maioria das câmaras municipais e das prefeituras.

Das assembléias legislativas e dos cargos de governador.

Da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. E, conseqüentemente, legitimamente, a maioria do colégio eleitoral que elegerá meu sucessor.

Por isso mesmo, o PDS não se forma como uma colcha de retalhos. Suas raízes penetram no chão da história. Não para tentar repeti-la. Ou para continuar a profligar coisas passadas — como se o tempo conhecesse retorno. Para nós, a história é repositório de exemplos a cultivar e aprimorar. De inspirações a seguir.

O PDS surge como um partido moderno, atual. E assim é por duas razões. A primeira é a própria juventude de nosso povo. A segunda é que nascemos para o presente e o futuro.

«Nosso problema» — afirmei em Porto Alegre, em fevereiro deste ano — «não é o depois de amanhã ... é o hoje, é o dia seguinte».

O futuro distante, esse está bem cuidado. Para ele nos preparamos bem, desde agora.

A abundância de nossos recursos naturais e nossa coragem de transformá-los em instrumentos de bem-estar de nossa gente resolverão todos os nossos problemas. Sabemos que o Brasil vencerá todas as crises. Apesar do pessimismo impenitente dos negativistas empedernidos.

O que mais me preocupa, neste momento, é cuidar dos nossos compatriotas do presente. Diminuir-lhes as angústias. Renovar-lhes a fé. Fortalecer-lhes o ânimo. E mostrar-lhes que as dores sofridas agora são as do crescimento. E, por mais que firam e doam, doem e ferem menos que as penas da estagnação, a esterilidade do desânimo, as frustrações dos horizontes limitados.

A História do Brasil fez-se graças à combinação de audácia nas concepções e firmeza nos princípios nacionais. Jamais na unanimidade que ressuma totalitarismo.

De mim, reafirmo a crença no debate, no diálogo, no entendimento. No consenso possível. E assim penso por sentir, ver e saber que a prática da democracia e a preservação da liberdade só são possíveis através de um sistema partidário capaz de assegurar a sociedade pluralista e aberta que nos comprometemos a construir.

Politicamente, vivemos uma época de revigoração, de reconstrução, de criatividade, de readaptação. Sem dúvida, uma séria porfia. Mas patrioticamente fascinante.

Construir é o verbo do nosso presente. Construir o fundamento duradouro de uma sociedade livre e justa.

Revigorar as instituições; reconstruir as bases éticas e morais da sociedade, para reunir e reconciliar; essa a tarefa eminente dos políticos.

E só pode fazê-lo quem tem fé.

Os incrêus; os azedos por natureza ou atitude; os cavilosos de sempre; aqueles a quem nada contenta, ou ninguém agrada; os que só sabem lamentar, mas não consertam, não propõem, não pensam, não oferecem alternativas — mas só aprenderam a condenar, a divergir; enfim, aqueles cujo verbo principal é *negar* — esses nada farão de positivo, por longa que lhes seja a vida que amargam.

E se, por castigo de Deus, um dia o poder viesse a cair em suas mãos, não saberiam o que fazer com ele. Por que lhes faltam aquelas condições interiores, apanágio dos homens do nosso Partido. Falta-lhes fortaleza. Falta-lhes esperança.

Nós do PDS deixamos o cantochão das lamentações aziagados para os que não sabem conviver.

Para os que aspiram ao poder a fim de usá-lo no absolutismo sem contraste.

Esquecidos de que a democracia se faz todos os dias. Não só nas grandes ocasiões e nas palavras sonoras.

Os que só raciocinam e agem de acordo com os interesses imediatos de pessoas ou grupos transgridem a primeira regra da democracia interna dos partidos. O acatamento as decisões da maioria a ninguém humilha ou diminui. A todos eleva e exalta.

Os que não têm convicções, mas caprichos, mudam de atitude na medida em que não vêm atendidas suas ambições. Passam a agredir o que antes aplaudiam com alarido e entusiasmo irrestrito.

Nós do PDS temos de trabalhar pelo Brasil. Não por nós mesmos. E por isso construímos um partido livre dos vícios das organizações passadas.

Vejo com tristeza que nem todos os que começaram conosco puderam — ou souberam — adaptar-se às condições novas. Não viram os sinais de mudança, embora tão claros.

Sinto especialmente por aqueles companheiros que só prosperaram politicamente ao nosso lado por entre louvores à Revolução e proclamadas fidelidades a seus líderes.

Vimos porém que, na hora de somar e compor, faltou-lhes a compreensão do momento histórico. Convocados a participar da reconstrução das instituições, acharam que, abandonando suas origens, podiam construir um futuro melhor para si próprios.

Agora, fingem horror ao que antes amavam.

Condenam o que aplaudiam, quando as águas corriam para seu lado e a exceção os beneficiava.

E se por qualquer motivo — ou até sem motivo — abandonam a casa, devem lembrar-se da solidão dos que vivem pelo interesse, afastados dos verdadeiros amigos e companheiros.

Reconstruímos as instituições políticas e lhes demos condições de melhor representar o pensamento de quase

120 milhões de brasileiros. Para eles, é bom lembrar, nem tudo é necessariamente preto ou simplesmente branco.

Senhores convencionais, meus correligionários:

Esta é a hora do nosso partido. Sua sorte não é diferente da do meu Governo. Desejo prestigiá-lo, e confiar-lhe a missão de apresentar ao povo os ideais de 64, nos termos do presente. As conquistas feitas e os progressos alcançados.

Não por empáfia, ou culto de valores pessoais.

Mas porque temos uma história legítima a contar.

História de restauração das garantias individuais, cívicas e políticas.

História da anistia — que é perdão e esquecimento. Como não sonhavam aqueles para quem as palavras não passam de chavões vazios de sentido.

História de fidelidade à República e reforço da Federação.

História da preocupação com o homem pequeno e indefeso. Com sua saúde. Sua educação. Seu direito ontológico a uma parcela maior e mais digna da riqueza nacional. À repartição mais equitativa do produto do trabalho de todos.

Ao PDS cabe ser, em nossos dias, o partido da transformação. Da reforma pacífica. Da tolerância, que conduz à concórdia. A qual, por sua vez, faz nascer a paz.

Ao PDS cabe ser o partido da soberania do povo, fonte de todo o poder. E beneficiário de toda a ação política.

Voltado para o homem porque «todo esforço cairia no vazio se não tivéssemos a evocação de que o homem, como criatura de Deus, tem um destino superior».

Partido capaz de sacrificar o êxito momentâneo, a bem dos interesses nacionais.

Partido que seja o canal legítimo, visível, sensível e permanente das aspirações do povo.

E, por consequência, instrumento de sua realização.

Esse é o *meu*, o *nosso* Partido.

O Partido que constituímos sob o comando de José Sarney, Prisco Viana, Jarbas Passarinho, Nelson Marchezan e de todos os nossos demais companheiros que, no plano federal, nos estados e nos municípios, lhe deram organização, quadros, vida.

Com o nosso Partido, meu pensamento hoje é só de vitória.

Que nos brilhará em 1982 e por muitos e muitos pleitos.

Muito obrigado.